

Circuito Integrado

No começo do ano, como nove em cada dez cidadãos céticos que não acreditam em horóscopo, você mandou fazer um mapa astral — caprichadíssimo, folhas e folhas de formulário contínuo descrevendo em minúcias os meandros do seu destino. Se (além de assegurar que você fará uma longa viagem, perderá uma pessoa querida mas, em compensação, encontrará o amor), o mapa revela que você gosta de desafios e adora uma transgressão, tem espírito empreendedor e uma quedinha para computadores e indústria gráfica, é possível que, no seu futuro, estejam gravadas duas palavras: *desktop publishing*.

Grande virada na vida de muitos mi-creiros indecisos em relação à sua real vocação informática, o *desktop publishing* — ou *edição de mesa*, numa tradução rudimentar — permitiu, ao longo dos dois últimos anos, a transformação de computadores pessoais em gráficas rigorosamente perfeitas. No mundo civilizado.

No Brasil *legal*, a edição por computador ainda se restringe a pequenos cartazes, folhetos e jornaizinhos comunitários, como o valente *Barra Livre*, integrado a este circuito na semana passada. O Macintosh, ideal para o *desktop publishing*, é uma máquina proibida em território nacional, assim como as impressoras laser, decisivas para um padrão profissional. Em sistemas MS-DOS, que já são fabricados aqui, os *softwares* mais desenvolvidos exigem uma boa memória, discos rígidos e, eventualmente, resolução EGA e CPUs 80286 ou 80386 — equipamentos caríssimos, que inviabilizam seu principal trunfo: o uso individual, particular.

No Brasil *normal*, porém, várias gráficas já operam brilhantemente com Macs e lasers. Por esses dias mesmo visitei uma delas, em que três Macs interligados dão conta da composição de revistas e *press-releases* da melhor qualidade. Um deles — um Macintosh II, com um monitor a cores de 19 polegadas — é um computador simplesmente emocionante, que fez meu coração PC bater um tanto fora de compasso: vocês não imaginam do que aquela máquina é capaz!

Abro um parênteses para sugerir ao pessoal da Compucenter uma visita urgente a uma gráfica semelhante — ou mesmo ao mais humilde proprietário do mais simples MSX. Num dos casos mais graves de casa-de-ferreiro-espeto-de-pau que já vi, a empresa, com dez anos de atuação em treinamento e consultoria, tempo em que treinou mais de 15 mil profissionais de informática e comercializou cerca de 20 mil produtos, insiste em mandar para os jornais cópias por papel carbono (!), corrigidas a lápis (!!); ~~de releases pessimamente datilografados em máquinas... manuais!!!~~ Fecho o parênteses.

Voltando aos Macs do quarto parágrafo e ao horóscopo do primeiro, e chegando à conclusão de que há uma diferença enorme entre o que manda a lei e o que realmente acontece, resta saber como descolar um Macintosh ou um 80286 ou 80386 de boa procedência no Brasil — e por quanto sai essa brincadeira. A primeira parte é fácil. A praça está cheia de muambeiros de confiança, que mediante módicas taxas entregam o que a gente bem entender. Mais difícil é calcular por quanto, exatamente, sai um computador “importado”.

Há, em princípio, duas modalidades de negociação. Numa delas — especialmente recomendada para quem não gosta de emoções fortes — o *importador* arca sozinho com toda a despesa, e todo o risco de apreensão da mercadoria. Pagamento, só depois que a máquina estiver instalada em casa, funcionando bonitinho. A taxa de serviço, nesse caso, varia entre 60% e 100% sobre o preço inicial, dependendo do humor da “Cacex” (que é como a turma chama a aduana) e do equipamento: monitores, por exemplo, que além de pesados podem se quebrar na viagem, saem a taxas mais alta do que placas, leves e quase indestrutíveis.

Na segunda modalidade, o comprador adianta o custo inicial, correndo, portanto, o risco da perda. Uma vez recebida a encomenda, paga o preço do frete (US\$ 28 por quilo, pelas cotações mais recentes) e uma taxa que varia entre 8% e 10%. É mais arriscado — mas bem mais em conta.

Para descobrir o custo do seu computador, descubra primeiro o seu muambeiro; depois procure nas revistas especializadas uma boa oferta. As melhores, no entanto, estão no suplemento de Ciências do New York Times das terças-feiras: quantíssimas!

Aviso aos navegantes: nem pensem em me pedir nomes ou endereços. No delicado setor das, hummm... compras alternativas, esta é uma coluna estritamente didática. Não é um departamento de prestação de serviço.

Na semana que vem (resolvida a complexa questão do *hardware*) dicas sobre o *software* para *desktop publishing*. Dentro da mais absoluta legalidade.

Artistas, atenção!

Durante a 2ª-Feira Nacional do Software, que se realizará no Riocentro entre 22 e 25 de março, um centro cultural de informática estará apresentando trabalhos de toda a espécie de artistas que usam computador — de músicos a desenhistas, passando por especialistas em computação gráfica. Haverá exposição de cartuns, fotografias e desenhos, concertos, mostras de vídeo. Quem quiser participar deve procurar o Renato ou a Denise pelos telefones (021) 267-9836 e 233-5028. Vamos mostrar para a Compucenter que a era da informática já chegou!

Cora Rónai